

# **Carta do Comando Local de Greve aos Docentes da UFS**

Quarta, 18 Junho 2014

A greve deflagrada na Universidade Federal de Sergipe no dia 3 de junho do corrente ano é uma resposta ao sucateamento e privatização da universidade pública que se materializa na intensificação e precarização do trabalho acadêmico em todas as suas dimensões. A greve que vinha sendo pautada pelo ANDES-SN esbarrou na última reunião do setor das IFS (7 de junho) com posições contrárias à paralisação. Para nós, a diferença de posições que impediu a deflagração da greve em âmbito nacional está relacionada com as profundas transformações sociais por que vem passando o capitalismo desde as últimas décadas do século passado, com fortes impactos sobre a Universidade e sobre a organização do trabalho docente.

No Brasil, esses impactos adquiriram contornos dramáticos a partir da implementação do REUNI (2006) no processo de expansão do ensino superior, nas condições em que ocorreu, um processo de expansão das vagas e de novos cursos sem que houvesse na mesma proporção a expansão de vagas para os docentes e, ao mesmo tempo, medidas foram tomadas que retiraram os direitos dos trabalhadores da educação e elevaram a evasão de estudantes. O marco de regulação meramente economicista do Reuni impõe que os problemas da educação sejam tratados apenas como um problema de gestão a partir das relações privadas, a exemplo do que vem ocorrendo com os contratos em todos os setores da universidade.

A estrutura social da universidade brasileira já não será mais a mesma e as contradições que ela envolve assumiram outra fundamental magnitude. Em fevereiro de 2014, o governo federal fez mais um corte no orçamento da educação. Somados os últimos três anos, os cortes podem chegar a até 3,1 bilhões, um dos maiores dentre as áreas de corte do governo. Com isto, as Universidades federais ficaram em uma situação em que até os recursos para pagamento de energia e água foram comprometidos. As obras do Reuni continuam inacabadas, criou-se a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – EBSEH, não há recursos para equipamentos, expansão de salas de aula, falta restaurante universitário, bibliotecas equipadas, climatização dos espaços físicos, materiais de laboratório, falta residência universitária para atender as demandas sociais, entre outros problemas.

Os companheiros que votaram contra a greve, tanto na UFS como em outras universidades, em sua maioria, pautaram sua decisão por motivos meramente estratégicos, mas em nenhum momento o fato principal foi questionado: a profunda deterioração das condições de trabalho, algo que em 2012 foi o principal motor para uma greve nacional forte. Houve, isto sim, um erro estratégico na condução do movimento nacional quando se tratou de enfatizar unicamente a carreira como ponto central da pauta, quando na verdade, o que atinge diretamente a realização do trabalho dos professores em todo o país é a remuneração e questões semelhantes àquelas que incomodam toda a classe trabalhadora brasileira: problemas de segurança, de condições de trabalho insalubre, de novas formas de controle do trabalho que ameaçam eliminar direitos. Nós, docentes de todos os campi da UFS, identificamos os problemas

estratégicos e, seguindo as orientações anteriores à última reunião do setor das IFES, construímos a pauta e deflagramos a greve.

Os professores da UFS, como certamente muitos outros que acabaram sendo minoritários neste momento em nível nacional, têm plena consciência de que o nosso movimento não se esgota no âmbito local, como se os problemas enfrentados não fossem os mesmos em todas as outras universidades brasileiras que passaram por esse enorme processo de expansão. Sabemos muito bem que se trata de um problema geral, que deveria ter sido claramente posto para o conjunto da categoria como o ponto central da nossa mobilização. Em todo caso, trata-se de um problema geral (condições de trabalho) com fortes repercussões em nível local. Em Sergipe, as condições são terríveis e a maioria dos docentes entendeu que este é o momento de parar para reivindicar aquilo que nos foi prometido no momento da implantação do REUNI, sob pena de continuarmos comprometendo a qualidade da formação dos futuros profissionais.